CUIDADO E AUTOCUIDADO

Os pressupostos da ambiência de vivências do Centro-Dia para pessoa com deficiência

FEAPAES - MG
Federação das Apaes do Estado

Instituto de Ensino e Pesquisa
Darci Barbosa

2020

AGRADECIMENTOS

É com muita satisfação que apresentamos um conjunto de orientações técnicas como suporte teórico metodológico para aperfeiçoar o Serviço de Proteção Social Especial para pessoas com deficiência, idosas e suas famílias no âmbito do Centro Dia das Apaes de Minas Gerais.

Em 2015 a Federação das Apaes do Estado de Minas Gerais – FEAPAES-MG definiu diretrizes para a organização das atividades de assistência social numa decisão de inflexão sobre a educação para a política de assistência social.

Na época, este propósito conquistou a adesão de algumas Apaes que se dedicaram a aprimorar seu fazer técnico aplicando as diretrizes dispostas pela Federação, introduzindo na agenda da entidade o compromisso de aprimorar as ofertas à luz da política publica de assistência social, assumindo com a FEAPAES-MG o esforço político na adequabilidade das atividades.

Esta cartilha é uma construção coletiva que contempla diversos olhares, comprometidos com a qualidade de vida das pessoas com deficiência intelectual e é o resultado dos debates realizados na III Câmara Técnica de Assistência Social, órgão de assessoria da FEAPAES-MG, que visa instrumentalizar e fundamentar as ações, orientar a produção de informações e de materiais a respeito do tema, além de expressar o amadurecimento da assistência social na rede mineira das Apaes.

Há que se ressaltar o engajamento, o compromisso e as contribuições das Apaes de Belo Horizonte, Brumadinho e Pará de Minas, que implantaram o serviço e pilotaram as técnicas aqui apresentadas. Isso representa maior possibilidade de aprimoramento dos processos e da consolidação do trabalho como referencia para a rede de atendimento de jovens, adultos e idosos com deficiência intelectual, materializando uma importante conquista para essas pessoas que necessitam de cuidados de terceiros.

SUMÁRIO

08 Palavra do presidente

10 Introdução

12 A ambiência de vivências no Centro Dia

15 A oficina de cuidados

18 A oficina de autocuidado

22 A Aproximação entre as atividades de cuidado e Autocuidado

28 Como o educador social pode apoiar a pessoa com deficiência intelectual na ambiência de vivências

31 Considerações Finais

32 Referências

35 Anexo

Organização
Maria Juanita Godinho
Natália Lisce Fioravante Diniz
Sérgio Sampaio Bezerra

Elaboração
Maria Juanita Godinho
Jailane Devaroop Pereira Matos
Câmara Técnica

Colaboração
Sérgio Sampaio Bezerra
Marli Helena Duarte Silva

Revisão
Denise Chagas

Diagramação
Inácio Mariani

FEDERAÇÃO DAS APAES DO ESTADO DE MINAS GERAIS
DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Prof. Jarbas Feldner de Barros
Vice-Presidente: Gláucia Aparecida Costa Boaretto
2º Vice-Presidente: Cleverson Ferreira da Silva
1ª Diretora Secretária: Maria Rozilda Gama Reis
2ª Diretora Secretária: Lúcia Helena Gesteira Couto de Freitas
1ª Diretora Financeira: Judith Maria de Magalhães Monteiro
2º Diretor Financeiro: João Bosco Pinto Monteiro
1º Diretor Social: Alex Abadio Ferreira
2ª Diretora Social: Maria Paula Aliberti Rodrigues dos Reis
Diretor de Patrimônio: Adnilson Marins dos Santos

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Pedro Rogério Gonçalves
Maria das Graças Oliveira
João Braga Couto

Membros Suplentes

Sandro Cataldo da Mota
Isamin Couto Gonçalves Coelho
Douglas Volsi Rodrigues

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Alto Paranaíba I - Sede: Serra do Salitre
Roberta Alves Borges Pacheco

Alto Paranaíba II - Sede: Presidente Olegário
Meira José da Fonseca Pinheiro

Alto do Rio Pardo - Sede: Salinas
Haya Carolina de Souza Araújo

Campo das Vertentes - Sede: São Vicente de Minas
Renata Arantes Villela

Centro I - Sede: Itabirito
Débora Gontijo Labory

Centro II - Sede: Curvelo
Celmi Buitrago Aquino

Centro IV - Sede: Igarapé
Armando Cândido Gomes

Centro V - Sede: Pedro Leopoldo
Isabel Cecília de Oliveira Lopes

Centro Oeste I - Sede: Arcos
Adriana de Souza Couto

Centro Oeste II - Sede: Itaúna
Geórgia Stefânia Duarte Chaves Mendonça

Centro Oeste III - Sede: Bom Despacho
Maria Celeste de Paulo

Circuito das Águas I - Sede: Lambari
Vera Nilce Maia Gonçalves

Circuito das Águas II - Sede: São Lourenço
(sem conselheiro no momento)

Circuito das Malhas - Sede: Borda da Mata
Gláucia Brandão Guilherme

Médio São Francisco - Sede: Januária
Maria do Amparo Pereira Dias

Noroeste Mineiro - Sede: Paracatu
Maria Aparecida Aguiar Adjuto

Norte I - Sede: Montes Claros
Eliete Veloso Silva e Oliveira

Norte II - Sede: Janaúba
Railda Rosa de Oliveira

Sudoeste I - Sede: Passos
Terezinha de Lourdes Pereira

Sudoeste II - Sede: Ijaci
Terezinha do Carmo de Carvalho

Sul I - Sede: Ipuiuna
Regina Maris Munis Zanetti

Sul II - Sede: Três Pontas
Nuno Augusto Alves

Três Vales - Sede: Minas Novas
Márcia Geralda Lourenço Fernandes Guedes

Triângulo Mineiro I - Sede: Monte Alegre de Minas
Cláudia Arantes Rodrigues Félix

Triângulo Mineiro II - Sede: Frutal
Vilma Paula Machado

Vale da Eletrônica - Sede: Maria da Fé
Decézary Augustto Guedes

Vale do Aço I - Sede: Santa Maria de Itabira
Claudilene Araújo Crispim

Vale do Aço e Rio Doce - Sede: Coronel Fabriciano
Antônio Anicio de Assis

Vale do Suaçuí - Sede: Sabinópolis
Geneci Ferreira dos Santos Barroso

Vale do Mucuri - Sede: Nanuque
Cláudia Onofre

Vale do Jequitinhonha - Sede: Araçuaí
Eunice Maria Tanure Jardim

Vale do Piranga - Sede: Porto Firme
Lorena Aparecida Rodrigues

Zona da Mata I - Sede: Ubá
Valdênia Gomides Dutra

Zona da Mata II - Sede: Manhuaçu
João Pessoa Cunha

Zona da Mata III - Sede: Leopoldina
Maria Célia Morais de Oliveira

Zona da Mata IV - Sede: Carangola
Maria Emília Martins Baroni

EQUIPE DA FEDERAÇÃO DAS APAES DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Conselheiros Consultivos
Eduardo Barbosa
Fernando da Mota (in memoriam)
Luiza Pinto Coelho
Sérgio Sampaio Bezerra

Procuradora Jurídica
Maria Tereza Feldner de Barros A. Cunha

Assessor Jurídico
Gustavo Henrique Duarte Silva

Coordenadora Núcleo de Atendimento às Filiadas - Sala de Soluções
Janaína Cristina Luiz Vieira

Assistente Núcleo de Atendimento às Filiadas - Sala de Soluções
Nayara Pereira

Assessora de Marketing
Bruna Rocha

Gestor Administrativo-Financeiro
Milton Gontijo

Coordenadora Administrativo-Financeira
Ana Paula Medeiros Izidoro

Gerente Administrativa
Fernanda Nunes de Oliveira

Gerente Financeira
Jaquelice de Oliveira

Assistente Administrativo-financeiro
Ronaldo Carias

Auxiliar Administrativo
Johnathan de Castro Vieira

EQUIPE DO INSTITUTO DE ENSINO E PESQUISA DARCI BARBOSA – IEP-MG

Superintendente
Sérgio Sampaio Bezerra

Assessora de Projetos
Maíra Calabria

Coordenadora da Unidade Apae Consultoria
Natália Lisce Fioravante Diniz

Consultora da Unidade Apae - Consultoria
Maria Juanita Godinho
Bruna Morato Israel

Consultor de Linguagens Alternativas e Eventos
Julio César

Coordenadora da Unidade do Sistema Integrado de Gestão de Apaes (SIGA)
Marli Duarte Silva

Coordenadora da Unidade de Ensino e Pesquisa do IEP-MG
Fabiana Silva Zuttin Cavalcante

Secretário do Instituto de Ensino e Pesquisa IEP-MG
Juarez Garcia

1. PALAVRA DO PRESIDENTE

Apresentamos, com grande prazer, a publicação Cartilha de Vivencias, destinada à rede mineira das Apaes, para subsidiar o funcionamento das atividades coletivas da ambiência de vivencias do Centro Dia, representando mais um fio de proteção e promoção social da pessoa com deficiência intelectual e múltipla, que construimos no nosso movimento.

Acreditamos na premissa de que a Federação das Apaes do Estado de Minas Gerais, por meio do Instituto de Ensino e Pesquisa Darci Barbosa, tem se empenhado para consolidar a metodologia de trabalho social do Centro Dia baseada na garantia de direitos e de autonomia da pessoa com deficiência.

Com este espírito, a Feapaes-MG instituiu o desenho metodológico do serviço de proteção social especial para pessoas com deficiência, idosas e suas famílias, com atividades particularizadas e coletivas, voltadas para o cuidado e autocuidado, como apoio para a superação das dificuldades dessas pessoas por meio da aprendizagem e prática da vida cotidiana. A vivência das atividades cotidianas pode proporcionar a superação de obstáculos e, por consequência, a autoconfiança e valorização. Essas características são fundamentais para qualquer pessoa se sentir segura e ingressar em um meio social, diminuindo a necessidade de cuidado de terceiros, além de fortalecer e criar laços afetivos e desenvolver habilidades sociais.

A presente publicação, além de ser mais um elemento fortalecedor da política de assistência social nas unidades Apaes, é fruto de um processo de amadurecimento da rede mineira e seus colaboradores.

Nossa pretensão é esta publicação subsidie os profissionais em técnicas de forma atuante, preventiva, protetiva e proativa, possa preparar e motivar cada vez mais os trabalhadores e familiares, para que avancemos na direção de um padrão societário mais justo e solidário, no qual cada jovem, adulto, idoso com deficiência e seus familiares, tenham melhores condições de vida, oportunidade de exercitar seus potenciais, o gerenciamento de sua vida e contribuir para a verdadeira inclusão social.

Boa leitura.

Um abraço fraterno.

Prof. Jarbas Feldner de Barros

Presidente da Federação das Apaes do Estado de Minas Gerais

2. INTRODUÇÃO

Esta cartilha foi construída para apoiar os (as) técnicos e técnicos na condução dos trabalhos na *ambiência de vivência* ofertadas no Centro-Dia, tornando-o cada vez mais qualificado e alinhado às boas práticas. Aqui é possível encontrar o fruto maduro das discussões realizadas nas câmaras técnicas conduzidas pela Federação das Apaes de Minas Gerais – FEAPAES e pelo Instituto de Ensino e Pesquisa Darci Barbosa - Uniapae-MG com base em pesquisas e estudos práticos e teóricos sobre a deficiência.

Sabe-se que, o serviço de proteção social especial de média complexidade destinado às pessoas em situação de deficiência e suas famílias, o Centro-Dia oferece cuidados nas atividades da vida cotidiana, buscando desenvolver habilidades que permitam ao/à usuário/a administrar os ambientes, gerenciar a própria vida e integrar-se na comunidade.

Constitucionalmente amparada, a visão aqui apresentada sobre o serviço de Assistência Social nos Centros-Dia emerge do paradigma assistencial como política pública de proteção social no Estado Democrático de Direito brasileiro. A situação de dependência da pessoa com deficiência deve ser encarada de modo relacional, haja vista que é a interação entre os sujeitos e as barreiras observadas que vão determinar os processos e graus de vulnerabilidade, risco social e a fragilidade dos vínculos sociais que o serviço do Centro-Dia têm por escopo elidir.

Como suporte teórico e metodológico, a presente cartilha oferece uma gama variada de sugestões de **atividades de cuidado e autocuidado** que se dividem em a) atividades de cuidado pessoal[1], b) atividades produtivas[2] e c) atividades de ócio e tempo livre[3] a serem desenvolvidas na ambiência de vivências a partir de um olhar que não negligencie a vida cotidiana, e enobreça os pequenos gestos. As atividades sugeridas nos convocam a um olhar atento, a considerar as pequenas coisas e a ver o extraordinário no corriqueiro da vida, trazendo valor, ética e construção de consciência individual e coletiva para uma vida mais digna, socialmente integrada, soberana e autônoma.

---

1. São atividades cotidianas voltadas para a conquista de maior independência pessoal e social, e inclui alimentação, evacuação, vestimenta, higiene pessoal, mobilidades, comunicativas, sexual, dentre outras.

2. São atividades cotidianas voltadas para a conquista de maior independência pessoal e social, ligadas às obrigações necessárias ao exercício dos papeis sociais individuais, podendo incluir obrigações domésticas e de administração do lar, obrigações acadêmicas de estudante, obrigações do trabalho, obrigações de cuidados de terceiros – tal como o cuidado com os filhos, amigos e outras pessoas, dentre outros.

3. São atividades cotidianas voltadas para a conquista de maior independência pessoal e social das quais o indivíduo participa a fim de se socializar e relaxar para satisfazer os seus interesses e passatempos.

3. A AMBIÊNCIA DE VIVÊNCIAS NO CENTRO-DIA

O Centro-Dia oferece o serviço de proteção social especial para pessoas com deficiência, idosas e suas famílias, e está organizado de modo a prestar atendimento e acompanhamento aos usuários/as, pessoas e suas famílias, nas ambiências de vivências, de corpo em movimento e de participação comunitária. Com tais ofertas, busca-se desenvolver habilidades diversas para os/as usuários/as que vão desde administrar os ambientes e gerenciar a própria vida até a integração da pessoa na comunidade.

Tomando como norte o conceito social e relacional da sociedade com a deficiência, a *ambiência de vivências* é / deve ser um espaço no qual as/os usuárias/os do serviço possam desenvolver e ampliar suas habilidades sociais de cuidado e autocuidado com vista a reduzir e minimizar a dependência de cuidados de terceiros, o isolamento social, confinamentos, ausência de cuidados adequados e elevado grau de estresse do cuidador familiar, fatores estes que comprometem o desenvolvimento da autonomia da pessoa em situação de deficiência. Na ambiência de vivências, **cuidado e autocuidado** entram em cena a fim de impactar o cuidado de terceiros e diminuir a demanda, bem como pela qualificação do apoio ofertado. Na oficina de autocuidado, por exemplo, deverão ser ofertados apoios em atividades práticas de gerenciamento do ambiente, como preparo de refeições, limpeza de ambientes, cuidado de hortas, entre outras. Na oficina de cuidado, por sua vez, as ofertas incluem apoio instrumental e emocional na relação do usuário consigo mesmo, notadamente em atividades cotidianas como alimentação, banho, acesso e uso do banheiro, etc , observando a diminuição da dependência. Ambos observam a dimensão relacional dos corpos e os reconhecem como a instância perceptível sobre a qual se acessa outros estágios relacionais, como os descritos abaixo:

> Nosso corpo somos nós. É nossa única realidade perceptível. Não se opõe à nossa inteligência, sentimentos, alma. Ele os inclui e dá-lhes abrigo. Por isso, tomar consciência

> do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro... pois corpo e espírito, psíquico e físico, e até força e fraqueza, representam não a dualidade do ser, mas a sua unidade.[4]

Entende-se que no autocuidado tem que ser trabalhada, de modo reflexivo e prático, a relação do usuário consigo mesmo e, sendo este o objetivo dessa oficina, todos devem passar por ela independente da lesão. Não se deve pressupor que, em virtude da lesão, o usuário tenha uma relação consigo mesmo melhor ou pior, ou que ele não tenha uma relação consigo mesmo. É a oficina que deve detectar isso e oferecer os ajustes caso a caso. Assim, na prática das atividades na *ambiência de vivências* o modelo social da deficiência deve ser observado, bem como o sistema de crenças da família, suas tradições culturais, religião, relação com a higiene, saúde, doença, deficiência, morte, etc, pois tudo isso influi no cuidado e no autocuidado do sujeito, sobretudo, no que diz respeito à continuidade dos trabalhos fora do Centro-Dia.

É extremamente relevante que as atividades de cuidado pessoal, as atividades produtivas e as atividades de ócio e tempo livre a serem desenvolvidas em cada caso levem em consideração o Plano de Desenvolvimento do Usuário – PDU. Esse mapeamento é importante para que os educadores possam conhecer os sujeitos com os quais trabalham e, de fato, ter condições de avançar nos quesitos de cuidado e autocuidado. O PDU deve estar ancorado na entrevista social e, seguindo uma metodologia de elaboração mais assertiva, espera-se e recomenda-se que os educadores sociais estejam presentes no momento do estudo de caso junto à pessoa e sua família quando da definição das metas de intervenção.

Ademais, é de máxima importância a conexão entre os instrumentos de atendimento e de desenvolvimento individual e familiar, haja vista que os trabalhos

4. BPERBERAT, Therese; BERNSTEIN, Carol. O corpo tem suas razões: a antiginástica e a consciência de si. Martins Fontes: São Paulo, 2003.p.3

de cuidado e autocuidado devem convergir para o mundo simbólico das famílias, caso contrário será um trabalho sem consistência e sem significado no mundo do sujeito. A implicação mais direta dessa esperada conexão entre os instrumentos de planejamento da assistência social é a promoção de cuidado e autocuidado com uma faceta social afastada da perspectiva médica, clínica, ou do educador/cuidador social; é oferecer uma perspectiva social capaz de reconhecer o sujeito sem objetificá-lo, capaz de torná-lo ativo na relação consigo mesmo. Ao mudarmos o modo e a conexão entre os instrumentos de planejamento e as práticas de intervenções, percebemos o sujeito, a pessoa, e mudamos o olhar sobre ela, sobre a situação de dependência. Nessa nova perspectiva até as pessoas com maior comprometimento podem e devem ser vistas como ativas no desenvolvimento de cuidado e autocuidado.

4. OFICINA DE CUIDADO

A oficina de cuidado tem por intuito promover apoio material, instrumental e emocional aos/às usuários/as nas atividades cotidianas, tais como fazer a higiene pessoal, tomar banho, vestir-se, alimentar-se, usar o vaso sanitário e ter o controle de fezes e urina (controle esfincteriano), andar em casa de um cômodo ao outro, deitar-se, etc. Essa oficina reconhece a situação de dependência da pessoa em relação à sociedade, pois é a interação entre os sujeitos e as barreiras que vão determinar os processos e graus de vulnerabilidade, risco social e fragilidade dos vínculos sociais[5].

Portanto, o cuidador formal – aquele que compõe a equipe técnica do Centro-Dia –, deve manter-se atento a esse caráter relacional para que o acesso do sujeito à oficina desperte as habilidades que ele pode adquirir no manejo dos afazeres propostos. Ao mesmo tempo, o cuidador informal – aquele que vai dar sequência ao trabalho desenvolvido junto ao sujeito quando ele retorna para o ambiente doméstico e comunitário – precisará ser inserido na concepção das atividades propostas para que, na medida do possível, possa garantir a reaplicação em casa do mesmo padrão de apoio ou, ao menos, que não destoe de modo a inviabilizar os resultados almejados.

O objetivo dessa oficina especificamente, e da *ambiência de vivências* como um todo, é diminuir a dependência dos cuidados de terceiros. Deve-se reconhecer que a situação de dependência é construída e percebida pela convivência diária com as barreiras e não, exclusivamente, pela diversidade dos sujeitos com deficiência. A situação de dependência é, portanto, considerada como um risco social, por dar ensejo a violações de direitos que podem ser aumentadas pela acumulação com outras situações de vulnerabilidade[6]:

5. FONSECA, Tatiana Maria Araujo da. A deficiência no interior da política de assistência social: um balanço sócio-histórico. p. 82.

6. BRASIL, Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Orientações técnicas sobre o Serviço de Proteção Social Especial para pessoas com deficiência e suas famílias, ofertado em Centro-Dia. p.27.

> Estas situações se originam no processo de produção e reprodução de desigualdades sociais, nos processos discriminatórios, segregacionistas engendrados nas construções sócio históricas que privilegiam alguns pertencimentos em relação a outros. Ou seja, constitui-se de situações decorrentes da pobreza, privação (ausência de renda, precário ou nulo acesso aos serviços públicos, dentre outros) e, ou, fragilização de vínculos afetivos-relacionais e de pertencimento social (discriminações etárias, étnicas, de gênero ou por deficiências, dentre outras).[7]

Portanto, o modo como a sociedade compreende e se relaciona com as situações de dependência implica na diversidade de abordagens possíveis para a assistência e modelagem da política pública voltada para esta população. O conceito social e relacional de pessoa em situação de deficiência permite que a mudança do paradigma, outrora ancorado no viés biomédico, tenha como efeito um novo olhar sobre as pessoas em situação de dependência e seu entorno.

> Assim, autonomia e dependência passam a ser um binômio que vai nortear as discussões em torno da desejada participação social das pessoas com deficiência. De antemão, já é possível afirmar que deficiência não é sinônimo de dependência. A deficiência é natural da condição humana, como o é ser alto, baixo, negro, branco, ou com outras características pessoais. Porém, o desconhecimento, o preconceito e as inúmeras barreiras existentes no dia a dia das pessoas com deficiência as colocam em situação de dependência, vulnerabilidade, risco pessoal e social. **Os riscos sociais são comuns a todos. Contudo, quanto menor a capacidade de enfrentamento, maior a probabilidade de que a pessoa, em especial a com deficiência, vivencie situações de violação de direitos.** Assim é que a convivência cotidiana com a extrema

7. BRASIL, Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Orientações técnicas sobre o Serviço de Proteção Social Especial para pessoas com deficiência e suas famílias, ofertado em Centro-Dia. p.27.

> pobreza; a desassistência de serviços essenciais; o convívio em ambientes sem acessibilidade; a ausência ou precariedade de cuidados, dentre outras situações, ampliam a dependência, dificultam a autonomia e a participação social das pessoas com deficiência[8].

Dessa forma, é importante que se analise a vulnerabilidade, o risco e a fragilidade dos vínculos como processos que possuem graus variáveis e não determinados pelo tipo de deficiência que a pessoa vivencia ou pela impossibilidade de superação[9]. Compreende-se que a pessoa com deficiência intelectual está sujeita a ter seus impedimentos acentuados em razão da necessidade e dependência de cuidados de terceiros, sejam aqueles cuidados realizados por familiares ou pessoas externas ao círculo familiar[10].

Assim, a oficina de cuidado da *ambiência de vivências* é pensada, justamente, de modo a ofertar atendimento que leve em consideração que a dependência experimentada pelas pessoas em situação de dependência pode resultar em "isolamento social, confinamento, falta de cuidados adequados, alto grau de estresse do cuidador familiar, dentre outras condições que agravam a dependência e comprometem o desenvolvimento da autonomia."[11] O intuito da oficina, portanto, é diminuir esse risco social.

8. BRASIL, Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Orientações técnicas sobre o Serviço de Proteção Social Especial para pessoas com deficiência e suas famílias, ofertado em Centro-Dia. p.21.

9. BRASIL, Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Orientações técnicas sobre o Serviço de Proteção Social Especial para pessoas com deficiência e suas famílias, ofertado em Centro-Dia. p.20.

10. BRASIL, Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Orientações técnicas sobre o Serviço de Proteção Social Especial para pessoas com deficiência e suas famílias, ofertado em Centro-Dia. p.10.

11. BRASIL, Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Orientações técnicas sobre o Serviço de Proteção Social Especial para pessoas com deficiência e suas famílias, ofertado em Centro-Dia. p.10.

5. OFICINA DE AUTOCUIDADO

A oficina de autocuidado, por sua vez, busca promover estratégias para construir bem-estar integral na vida cotidiana, ofertando desenvolvimento humano harmônico e equilibrado. Relaciona-se com "a dimensão emocional, física, estética, intelectual e transcendental do ser, através do desenvolvimento das habilidades afetivas, cognitivas e sociais"[12]. São atos da vida que permitem às pessoas em situação de dependência serem sujeitos de suas próprias ações, fundamentados em um sistema de apoio formal e informal direcionados de acordo com as condições caraterísticas de gênero, etnia, ciclo vital, crenças, valores, etc.

A oficina de autocuidado deve gerar processos participativos nos quais os/as usuários/as possam atuar com ações ativas e bem informadas no cuidado de si mesmos, no gerenciamento do seu ambiente e na tomada de decisões frente às demandas sociais. Para isso, importa romper com o olhar que desconsidera as possibilidades e capacidades da pessoa em situação de deficiência e as circunscreve em espaços de aguda passividade. Quase invariavelmente, quando falamos em deficiência, muitos mitos e jargões cristalizados no imaginário coletivo surgem para conformar aqueles que chamamos de *pessoa com deficiência*.

Tratados ora como pessoas especiais, ora como anjos ou como eternas crianças, as pessoas em situação de deficiência veem muitas vezes seus direitos tolhidos e suas perspectivas de autonomia subjugadas por um modelo terminológico que lhes restringe ao papel de agentes passivos na ordem social. Uma reversão desse cenário exige que tratemos as pessoas com deficiência como seres humanos, com direitos e deveres. Requer um olhar e um enfoque terminológico capaz de articular as abordagens bio, psico e social em um novo léxico.

12. URIBE J, Tulia Maria. El autocuidado y su papel en la promoción de la salud. In. Invetigacion y Educación em Enfermeria. Medelin, XVII, Septiembro, 1999, p.116.

Por muito tempo, as pessoas com alterações físicas, cognitivas e sensoriais eram descritas como aleijadas, cegas, surdas, mancas, retardadas, loucas, etc, sem que houvesse uma categoria coletiva para caracterizá-las. A concepção de deficiência, como criação discursiva do século XVIII, esteve atrelada à ideia de *anormalidade* e, desde então, ser deficiente era experimentar um corpo fora da norma[13]. Foi a partir do aprimoramento terminológico advindo dos *estudos sobre a deficiência* que essa ligação com a anormalidade começou a ser superada. Busca-se, desde então, assumir uma positividade discursiva a fim de compreender a deficiência não apenas como expressão de habilidades e funcionalidades restritas, mas, sobretudo, como um dos modos possíveis de se estar no mundo. Assim, "ao contrário do que se imagina, não há como descrever um corpo lesionado como anormal. A anormalidade é um julgamento estético e, portanto, um valor moral sobre os estilos de vida"[14].

Abandonando os mitos de normalidades, as nomenclaturas morais e a abordagem estritamente clínica, pode-se dizer que ser pessoa com deficiência é apenas umas das diversas formas corporais de estar no mundo. Entretanto, com isso não se quer negar que "um corpo com lesão medular necessite de recursos médicos ou de reabilitação", por exemplo, mas sim que essa necessidade é compartilhada por pessoas com e sem deficiência em momentos distintos na vida.

Nos idos de 1970, os estudos sobre a relação da sociedade com a pessoa em situação de deficiência levados a cabo no Reino Unido e nos Estados Unidos revolucionaram o conceito de deficiência, levando-o do campo estritamente biomédico ao campo das humanidades. Muitas sutilezas marcaram o debate pela cunhagem do termo que melhor descrevesse o sentido político que se queria alcançar com essa elaboração conceitual. Vejamos:

13. DINIZ, Débora. O que é deficiência. 2007, p.5.

14. DINIZ, Débora. O que é deficiência. 2007, p.5.

> Os primeiros teóricos optaram por "pessoa deficiente" e "deficiente" para demonstrar que a deficiência era uma característica individual na interação social. "Pessoa com deficiência" foi uma escolha que seguiu uma linha argumentativa semelhante e é a expressão mais comum no debate estadunidense. O movimento crítico mais recente, no entanto, optou por "deficiente" como uma forma de devolver os estudos sobre deficiência ao campo dos estudos culturais e de identidade. Assim como os estudos sobre raça não mais adotam o conceito de "pessoa de cor", mas "negro" ou "indígena", os estudos sobre deficiência assumiram a categoria "deficiente". E é como resultado da compreensão da deficiência como um mecanismo de identidade contrastiva que surgiu o conceito de "pessoa não-deficiente" ou "não-deficiente".

Aproximando-se dos estudos feministas e culturais, os estudos sobre a pessoa em situação de deficiência passou a desafiar a hegemonia biomédica do campo e a descrever a deficiência em termos políticos e não exclusivamente em termos de diagnóticos. Assume-se assim que "a deficiência não é mais uma simples expressão de uma lesão que impõe restrições à participação social de uma pessoa"[15], mas, outrossim, "um conceito complexo que reconhece o corpo com lesão, mas que também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa deficiente"[16]. Nas palavras de Débora Diniz, "assim como outras formas de opressão pelo corpo, como o sexismo ou o racismo, os estudos sobre deficiência descortinaram uma das ideologias mais opressoras de nossa vida social: a que humilha e segrega o corpo deficiente"[17].

Ancorada nesse saber que opera uma mudança paradigmática, a oficina de autocuidado é também um espaço de ação e reflexão sobre o que cada usuário/a sabe, vive e sente diante das situações diversas da vida para, dessa forma, identificarem as práticas de

15. DINIZ, Débora. O que é deficiência. 2007, p.4.

16. DINIZ, Débora. O que é deficiência. 2007, p.5.

17. DINIZ, Débora. O que é deficiência. 2007, p.7.

autocuidado que são mais favoráveis ou desfavoráveis como processo educativo e de ampliação da autonomia. Assim, o objetivo é permitir que o/a usuário/a do serviço possa exprimir suas emoções, necessidades e desejos, ampliando as relações interpessoais, participação e cooperação, independência e autonomia na organização de ambientes e gerenciamento da vida, reconhecendo suas conquistas e limitações; o que se dará pela oferta de apoio em atividades diversas como o preparo de refeições, o cuidado com a limpeza de ambientes, com a limpeza de roupas, com a própria aparência, com horta e jardinagem, dentre outros.

6. APROXIMAÇÃO ENTRE CUIDADO & AUTOCUIDADO

Como afirmado, o trabalho na *ambiência de vivência* está dividido entre as oficinas de cuidado e autocuidado. No entanto, essa distinção não afasta a conexão entre um e outro, haja vista que cuidado impacta no autocuidado e vice-versa. Ademais, observado em todas as culturas e sociedades de todos os tempos, o cuidado é uma necessidade primária, constitutiva e inafastável da vida humana. Como aponta Rosa Ludy, "as tarefas do cuidado são necessárias para viver, conviver, satisfazer necessidades, construir projetos de bem-estar individual e projetos cidadãos em torno do bem comum, da igualdade e da solidariedade"[18]. Sua presença e necessidade permanecem em todas as fases da vida humana, levando diversos pensadores[19] a afirmarem que é ele, o cuidado, o que nos constitui como humanos[20] de modo que dar e receber cuidados é constitutivo de todas as vidas humanas e, "embora algumas pessoas sejam mais vulneráveis e dependentes que outras, precisamos admitir que todos nós somos vulneráveis"[21].

Essa ideia é altamente fecunda e revela a nossa interdependência, requer a nossa rendição ao fato de que não somos totalmente autônomos como normalmente se supõe. De forma clara, Joan Trento assevera:

> Não digo apenas que o ser humano comece sua vida como um ser altamente dependente que necessite de cuidados de muitas pessoas, ou que muitos de nós nos tornaremos novamente frágeis e vulneráveis, mas que cada dia precisamos de cuidados para continuarmos vivendo. Ao passo que muitos adultos autônomos pensam que estão cuidando deles mesmos, de fato, cada um de nós está

18. CAMPOS, Rosa Ludy Arias. Aportes de una lectura em relacióncon la ética del cuidado y losderechos humanos para la intervención social enelsiglo XXI. In. Revista del Departamento de trabajo Social, Faculdad de Ciências Humanas, Universidad Nacional de Colombia. pp.25.

19. De Heidegger à Leonardo Boff passando por Kierkegaard e Gillian, dentre outros.

20. Há um apoio mitológico para essa compreensão que vem da conhecida fábula de Higino que assim nos instrui:

> no centro de uma rede complexa de relações. Há um fluxo contínuo que representa quanto cuidado uma pessoa necessita, não uma dicotomia entre os que são cuidados e os que cuidam.

Essa concepção antropológica de vulnerabilidade e interdependência humana está completamente adequada ao **modelo social da deficiência** e nos permite repensar e qualificar os cuidados oferecidos, permitidos e estimulados às pessoas em situação de dependência e suas famílias nos Centros-Dia. Na análise social da deficiência, em contraponto à antiga e impregnante análise clinica que reconhecia na limitação física, na doença ou na lesão a causa primária da desigualdade social, compreende-se que, na verdade, "a deficiência é fruto das desvantagens ou restrições provocadas pela organização social contemporânea que pouco ou nada considera aqueles que possuem lesões

---

"Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco de barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a deusa Terra. Ela também quis conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material de seu corpo. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno, o pai de todos os deuses e o senhor do tempo, para que arbitrasse a questão. Ele acedeu prontamente e tomou a seguinte decisão, que pareceu justa a todos: "Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta o espírito quando essa criatura morrer. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, cuidará dela enquanto ela viver. E, uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de humus, que significa terra fértil". Constituindo-se como uma genealogia do cuidado, essa pequena fábula nos permite entender a centralidade do cuidado na vida humana e nos permite compreender o que significa ser um ser humano. Ser um ser humano, nessa perspectiva, significa ser um ser de cuidado.

físicas e os exclui das principais atividades da sociedade"[22]. Essa compreensão social da situação de dependência nos permite oferecer um serviço com maior possibilidade de auxilio efetivo na inserção familiar, laboral e social da pessoa sem situação de dependência apoiando de forma mais assertiva a melhoria de sua qualidade de vida.

E é também a visão advinda do modelo social da deficiência que nos permite experimentar o cuidado em sua dimensão relacional. Permite-nos reconhecer o cuidado "enquanto categoria plástica e relacional, considerando o envolvimento de um indivíduo, família, grupo o profissional de saúde , a família, o cuidador terceirizado, o vizinho e outros"[23]. Nesse sentido, diversos pensadores e pensadoras, tais como Heidegger, Kierkegaard, Gilligan e Leonardo Boff, afirmam que é **o cuidado que nos constitui como humanos.**

Se quisermos remontar às bases etimológicas do termo para melhor compreendê-lo, veremos que o conceito de cuidado encontra um de seus berços na tradição romana explicitada pelo termo latino 'cura'. Em sua tese de doutorado, Tânia Kuhnen nos ensina que o termo 'cura', ligado ao cuidado da alma e de caráter ambíguo, "possui dois significados fundamentais que conflitam: a) o cuidado ansioso, derivado de problemas, preocupações e ansiedades que alguém possui; b) o cuidado como solicitude, que visa garantir o bem-estar de outrem"[24]. Ou seja, por um lado temos o cuidado como algo oneroso e por outro ele aparece como "atenção e devoção ao outro, constituindo a força que eleva os seres humanos"[25].

De uma **perspectiva fenomenológica**, isto é, considerando a forma pela qual o cuidado se torna um fenômeno para nossa consciência, ele pode ser percebido a

21. TRONTO, Joan. Assistência democrática e democracias assistências. In. Sociedade e Estado, Brasília. V.22, nº2, p.299.

22. BAMPI, Luciana Neves da Silva; GUILEM, Dirce; ALVES, Elioenai Dornelles. Modelo Social: uma nova abordagem para o tema deficiência. In: Rev. Latino-Am. Enfermagem jul-ago 2010; 18(4):[__ telas].

24. KUHNEN, Tânia Aparecida. O principio universalizável do cuidado: superando limites de gênero na teoria moral. p.37.

25. KUHNEN, Tânia Aparecida. O principio universalizável do cuidado: superando limites de gênero na teoria moral. p.37.

partir de sua realização e de seu desvelar em nós mesmos[26]. Da **perspectiva ontológica**, ou seja, do ponto de vista da constituição do ser, podemos dizer que nós não temos cuidado, nós somos cuidado. Como afirma Heidegger, o cuidado "é uma constituição ontológica sempre subjacente a tudo que o ser humano empreende, projeta e faz"[27]. O cuidado é de tal forma essencial que, nas representações mitológicas do seu surgimento, ele antecede o corpo e o espírito. Ao analisar a fábula de Higino sobre o surgimento dos seres humanos a partir do cuidado, Leonardo Boff salienta:

> Somos filhos e filhas do cuidado, somos fruto de um ato continuado e prolongado (*quamdiu vixerit*) de cuidar no tempo e no espaço, em todos os momentos e circunstâncias 'enquanto o ser humano viver'. Sem ser cuidado permanentemente, antes, durante e depois de tudo o que é e empreende, o ser humano deixaria de existir (BOFF, 2012, p.57).

Essa imagem que coloca o cuidado não apenas no sustentar da vida humana, mas também em seu surgimento e continuidade, revela que cada ser humano, ainda que se apresente como o mais autônomo, necessita de uma forma ou de outra, de cuidados ao longo do seu viver. Essa necessidade que nos é comum assenta-se na característica relacional e fundamental do cuidado na vida humana, a implicação desses apontamentos é que, na verdade, o cuidado não se refere apenas às ações específicas que visam restituir saúde a uma pessoa doente, por exemplo. Envolve atenção e apoio permanente para que qualquer ser humano possa alcançar e manter seu pleno desenvolvimento e "realize o desígnio alegórico que está em sua origem"[28].

26. BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. In: Revista Inclusão Social, Brasília, v.1, n.1,p.28-35, Out/Mar, 2005.

27. HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo.

Portanto, como bem aponta Tânia Kuhnen, o cuidado é uma habilidade constitutiva do ser humano, "um elemento fundamental da condição humana, importante não apenas para as relações interpessoais, mas para a constituição do individuo em si"[29].

Embora constitutivo da condição humana, a crescente centralidade e a multiplicação da produção acadêmica sobre o cuidado se dá, por sua vez, em um contexto de:

> Preocupações políticas com o envelhecimento populacional, o aumento da expectativa de vida e o peso que acarretam aos sistemas de proteção social; críticas ao escopo de políticas sociais, no pós-Consenso de Washington nos anos 1990, que instam as famílias a resolver problemas sociais; estabilização da mulher no mercado de trabalho, que diminui sua disponibilidade para o cuidado não remunerado familiar; privatização de serviços de saúde e/ou ineficiência de sistemas públicos de saúde e assistência social em diferentes países, que sobrecarregam as famílias nas tarefas de cuidado; imigração internacional orientada ao cuidado nos países do Norte Global, entre outras[30].

Ou seja, o cuidado ganha centralidade no momento em que não há mais como nos furtarmos ao que podemos chamar de **antropologia da vulnerabilidade**. Trata-se de uma perspectiva ética segundo a qual "torna-se imperativo considerar que a natureza humana envolve interdependência"[31]; aponta o caminho para uma recusa da ideia de seres humanos autônomos e nos aproxima do caráter inafastável e relacional do cuidado. Essa ideia de vulnerabilidade que nos conecta está invariavelmente associada ao corpo e o evoca,

28. KUHNEN, Tânia Aparecida. O principio universalizável do cuidado: superando limites de gênero na teoria moral. p.39.

29. KUHNEN, Tânia Aparecida. O principio universalizável do cuidado: superando limites de gênero na teoria moral. p.43.

30. ARAÚJO, Anna Bárbara. Da ética do cuidado à interseccionalidade. p.47.

31. ARAÚJO, Anna Bárbara. Da ética do cuidado à interseccionalidade. p.48.

enquanto lócus da potência, fazendo contraposição à ideia de corpo faltoso, "meramente vulnerável" ou essencialmente precário[32]. Nesse conceito, a questão corpórea está posta a partir do seu aspecto relacional, histórico, temporal, aberto, dependente, subordinado e subversivo.

Deste modo, a antropologia da vulnerabilidade não implica em uma posição de passividade ou de exclusão; ao contrário, reconfigura a gramática do reconhecimento e considera a dimensão relacional dos corpos colocando o cuidado como elemento central do fazer social. Esse cuidado se estabelece lado a lado com o autocuidado.

32. DEMETRI, Felipe Dutra. Corpos despossuídos: vulnerabilidade em Judith Butler. p.28.

7. COMO O EDUCADOR SOCIAL DEVE APOIAR A PESSOA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL E MÚLTIPLA

Apoio pode ser definido como "o conjunto de recursos e estratégias - incluindo indivíduos, agências, tecnologias assistivas, ambientes, fundos e ativos - que auxiliam as pessoas com deficiências desenvolvimentais a participar na comunidade" (AAIDD, 2010, p.). Estes apoios podem ser oferecidos por familiares, amigos, profissionais de diferentes áreas, agências e serviços de atendimento, por exemplo. Um fator importante é que os apoios individualizados, quando necessários e disponibilizados de modo adequado e pelo tempo suficiente, são capazes de melhorar a vida da pessoa com deficiência intelectual e contribuir para sua participação nos vários contextos e aspectos da vida.

Para o provimento de apoios é preciso que haja a avaliação da necessidade e intensidade, aplicadas em diferentes áreas: proteção e segurança; educação e ensino; vida familiar e comunitária; emprego; saúde; comportamento adaptativo; vida social; desenvolvimento humano e autodefesa.

A intensidade dos apoios necessários varia entre pessoas, situações e estágios da vida; por isso devem ser encarados como potencialmente variados em sua duração e intensidade. Quando a pessoa com deficiência intelectual experimenta o descompasso entre suas competências pessoais e as demandas ambientais e os apoios são providos de forma adequada, dentre os resultados obtidos notam-se maior independência, relacionamentos pessoais mais afetivos, ampliação das oportunidades para contribuir com a sociedade, maior participação na comunidade e nas atividades, maior sensação de bem-estar pessoal e satisfação com a vida.

No contexto da ambiência de Vivências do Centro-Dia, estes apoios estarão relacionados às condições físicas, motoras e intelectuais dos usuários atendidos na execução de cada atividade de cuidado e autocuidado. A partir do público assistido pelas Apaes, podemos relacionar os apoios a alguns cenários:

1. Maior comprometimento motor em detrimento do comprometimento intelectual;
2. Maior comprometimento intelectual em detrimento do comprometimento motor;
3. Importante comprometimento intelectual e motor.

Em cada um desses casos serão providos apoios de forma diferenciada com o objetivo de favorecer maior participação do usuário e envolvimento na atividade.

O educador social deverá fazer a adequação e adaptação da atividade com o provimento dos apoios necessários de acordo com a demanda específica dos usuários. No caso de maior comprometimento motor e físico, deve-se valorizar pequenos gestos motores apresentados pelo usuário como resposta àquela atividade; como, por exemplo, na troca de fraldas o incentivo e reconhecimento da realização de pequenos gestos motores que tornam o usuário ativo na troca de fralda. Nesses casos, é fundamental que o educador social identifique o usuário como ativo em todas as atividades de cuidado e autocuidado, independentemente do comprometimento físico.

No caso de maior comprometimento intelectual, será necessário simplificar o comando e resposta solicitada na tarefa, como uma atividade de preparo de alimentos, por exemplo, na qual se pode disponibilizar o apoio de figuras com as etapas do preparo.

Já nos casos de importantes comprometimentos motores e intelectuais será necessária uma combinação dos apoios oferecidos, como na limpeza da casa, na qual podem ser adaptados os utensílios domésticos como vassoura, produtos de limpeza e outros para facilitar o manuseio. Também é possível que outro usuário que tenha menos dificuldade apoie o colega. É importante ressaltar que comandos simples facilitam a execução das tarefas. Neste capítulo enfatizamos que todos os usuários, com diferentes níveis de comprometimento, poderão participar das atividades desde que haja o apoio necessário. Esses apoios devem ser avaliados constantemente, pois a falta ou o excesso de apoio prejudicarão o desenvolvimento do usuário.

Desta forma, o objetivo é alcançar o nível ideal de apoio que desafiará a pessoa na medida que possa evoluir na execução da atividade.

O importante neste processo é a consciência da atuação do profissional como facilitador no processo da atividade; e não como condutor. Desta forma, a pessoa com deficiência intelectual e múltipla não é mais vista de forma passiva; e sim ativa dentro de sua condição. Este processo faz com que a pessoa esteja mais motivada e participativa, com ganhos sociais e emocionais.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o autocuidado é uma abordagem potente e assertiva para o trabalho nos Centros-Dia e é capaz de mudar nossa forma de ser e estar no mundo. Seguindo a dimensão relacional do cuidado, sabemos que ele é inerente à vida humana e revela nossa codependência e vulnerabilidade constitutiva. O cuidado se estabelece em variados planos relacionais, em escalas micro e macro, públicas e privadas, comunicando ações, afetos e sentidos para nosso tecido social. Trata-se de uma prática social sedimentada na relação que os sujeitos estabelecem consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

Entre o trabalho de cuidado e de autocuidado a ser ofertado pelos Centros-Dia há sugestão de atividades que enaltecem habilidades cotidianas da vida prática para a pessoa assumir o controle da própria vida e promover o aprimoramento de cuidados pessoais, bem como o aumento da autonomia, independência e desoneração gradual do cuidado familiar. Como dito, nas atividades de cuidado, o usuário é estimulado a desenvolver habilidades pessoais que envolvam o próprio corpo e sua mobilidade em tarefas rotineiras, ao passo que nas atividades de autocuidado o estímulo volta-se para seu ambiente e para ações práticas da vida comunitária.

Enquanto instrumental de apoio na implantação da ambiência de vivência, e das mudanças conceituais em que tal ambiência está atrelada, a presente cartilha traz em seus anexos as **Fichas de atividades** (Anexo I) que, para melhor orientar a oferta do serviço na *ambiência de vivência*, dividem-se em fichas de cuidado pessoal, fichas produtivas e fichas de ócio e tempo livre.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Anna Bárbara. Da ética do cuidado à interseccionalidade

BAMPI, Luciana Neves da Silva; GUILEM, Dirce; ALVES, Elioenai Dornelles. Modelo Social: uma nova abordagem para o tema deficiência. In: Rev. Latino-Am. Enfermagem jul-ago 2010; 18(4):[__ telas].

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. In: Revista Inclusão Social, Brasília, v.1, n.1,p.28-35, Out/Mar, 2005.

BERBERAT, Therese; BERNSTEIN, Carol. O corpo tem suas razões: a antiginástica e a consciência de si. Martins Fontes: São Paulo, 2003.

BRASIL, Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Política Nacional de Assistência Social (PNAS/2004)/ Norma Operacional Básica (NOB/SUAS). Disponível em: <http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf> Acesso em 01 de out. 2019.

BRASIL, Ministério de Desenvolvimento Social e Combate a Fome. Orientações técnicas sobre o Serviço de Proteção Social Especial para pessoas com deficiência e suas famílias, ofertado em Centro-Dia. Disponível em: <https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Cadernos/caderno_centro_dia_orientacoes_tecnicas2.pdf> Acesso em 01 de out. 2019.

BRASIL, Planalto. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB/1988). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em 15 de out. 2019.

BRASIL, Planalto. Convenção Internacional Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Disponível em< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>Acesso em 15 de out. 2019.

BRASIL, Planalto. Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa Com Deficiência. Disponível em<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm> Acesso em 15 de out. 2019.

BRASIL, Planalto. Lei nº12.435/2011. Lei do Sistema de Assistência Social. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12435.htm> Acesso em 10 de out. 2019.

BRASIL, Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência. VIVER SEM LIMITE – Plano Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência : SDH-PR/SNPD, 2013. Disponível em: <http://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/633.pdf> Acesso em 10 de out. 2019.

BRASIL, Ministério do Trabalho. Classificação Brasileira de Ocupações (COB). Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/pages/home.jsf> Acesso em 10 de out. 2019.

CAMPOS, Rosa Ludy Arias. Aportes de una lectura em relaciónconla ética del cuidado y los derechos humanos para la intervención social enelsiglo XXI. In. Revista del Departamento de trabajo Social, Facultad de Ciências Humanas, Universidad Nacional de Colombia.

DEMETRI, Felipe Dutra. Corpos despossuídos: vulnerabilidade em Judith Butler
DINIZ, Débora. O que é deficiência. 2007

FAZZIONI, Natália Helou. Nascer e morrer no complexo do alemão: políticas de saúde e arranjos de cuidado. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, dezembro, 2018

FONSECA, Tatiana Maria Araujoda. A deficiência no interior da política de assistência social: um balanço sócio-histórico. Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_30_Fonseca_16.pdf> Acesso em 10 de out. 2019.

HEIDEGGER, Martin. Ser e tempo. Tradução Fausto Castilho. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

KUHNEN, Tânia Aparecida. O principio universalizável do cuidado: superando limites de gênero na teoria moral

MOREIRA, LMA. Deficiência intelectual: conceitos e causas. In: Algumas abordagens da educação sexual na deficiência intelectual [online]. 3rd ed. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 35-41. Bahia de todos collection. ISBN 978-85-232-1157-8. Available from SciELO Books

SHUCK, Lara Monteiro. De Antoni, Clarissa. Resiliência e vulnerabilidade no cuidado com o Idoso Dependente: um estudo de caso. P

SPOLIN, Viola Jogos Teatrais: O Fichário De Viola Spolin. Tradução
de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo. Perspectiva, 2014.

TRONTO, Joan. Assistência democrática e democracias assistências. In. Sociedade e Estado, Brasília. V.22, nº2, p.299

ZUTIÃO, Patrícia; ALMEIDA, Maria Amelia; BAUERI, Iasmin Zanchi. Avaliação da intensidade de apoios em condutas adaptativas de jovens com deficiência intelectual. In: Revista Deficiência Intelectual, Ano 7, Número 11, Jan-Jun, 2017 .

ANEXO 1
CARTILHA VIVÊNCIAS AS OFERTAS DE CUIDADO & AUTOCUIDADO DO SERVIÇO

As atividades de cuidado e autocuidado do Centro-Dia são ofertadas na ambiência de vivencias e busca garantir o atendimento das necessidades básicas e promover a independência e a autonomia da pessoa com deficiência intelectual em todos os ambientes de convivência cotidiana, como no domicílio, no trabalho e na vida em sociedade. É bastante frequente ouvirmos que a pessoa com deficiência intelectual, pelo fato das limitações cognitivas e do comportamento adaptativo, está impedida para a realização de atividades cotidianas que são presentes na vida de todas as pessoas, passando a ser alijadas de vivências e experiências diárias.

Com esta atitude, o outro social desconsidera suas possibilidades e capacidades e legitima para a pessoa com deficiência intelectual a estruturação de uma passividade cruel para o desenvolvimento de sua independência e autonomia. Ancorados no mito e no estereótipo da incapacidade e do comodismo, reforçamos a dependência de cuidados de terceiros para com a pessoa com deficiência intelectual.

A Federação das Apaes do Estado de Minas Gerais, por meio da Câmara Técnica de Assistência Social, criou o sistema de fichas, inspirado no fichário de Spolin (2014), adaptando a estrutura original proposta pela autora norte-americana. Nessas fichas, o educador social terá acesso a subsídios técnicos e práticos para a realização das atividades da vida cotidiana, de cuidado e autocuidado na ambiência de vivências do Centro-Dia .

As fichas visam auxiliar a prática e vivência diária do cuidado realizado pelo cuidador formal, e estão divididas em três eixos, atividades pessoais, atividades produtivas e atividades de ócio. Cada eixo tem uma média de 10 fichas, que abordam tópicos importantes que respeitam o desenvolvimento e especificidade de cada usuário, e devem se aplicadas na metodologia de oficina, estruturada e planejada em três momentos:

preparação, execução e avaliação, com duração de até 2 horas. As **fichas de cuidado pessoal** referem-se às atividades relacionadas à independência pessoal e inclui alimentação, evacuação, vestimenta, higiene pessoal, mobilidades, sexualidade, dentre outras. As **fichas produtivas** estão relacionadas às atividades voltadas para as obrigações requeridas para os papeis sociais individuais. Podem incluir obrigações domésticas e de administração do lar, obrigações acadêmicas de estudante, obrigações do trabalho, obrigações de cuidados de terceiros – tal como o cuidado com os filhos, amigos e outras pessoas, dentre outros. As **fichas de ócio e tempo livre** referem-se às atividades das quais o indivíduo participa com o fim de socializar-se, relaxar-se para satisfazer os seus interesses e passatempos.

As fichas possuem uma matriz padronizada, com os seguintes tópicos:

- Nome da atividade: Termo utilizado para denominar a atividade de modo a evidenciar sua principal função.
- Objetivo: Propósito da atividade e os resultados que dela se esperam.
- Preparação: Materiais e providências necessários na preparação do grupo para o desenvolvimento da atividade.
- Instrução: Como e de que forma a atividade deve ser conduzida, bem como o que deverá ser observado.
- Desenvolvimento da atividade: Conteúdo da oferta da atividade.
- Avaliação: São os resultados alcançados pelo usuário que utiliza o serviço e avançam na direção de mudanças positivas em relação a indicadores de vulnerabilidades e riscos sociais.
- Área de experiência: Conhecimento ou aprendizado obtido através da prática e da vivência.
- Sugestões de apoio: São recursos e estratégias que promovam o desenvolvimento e bem-estar pessoal de um indivíduo e a melhora do funcionamento humano.

EIXO 1 Atividades de Cuidados Pessoais

As atividades de cuidados pessoais são atividades cotidianas voltadas para a conquista de maior independência pessoal e social, e inclui alimentação, evacuação, vestimenta, higiene pessoal, mobilidades, comunicativas, sexual, dentre outras.

ALIMENTAÇÃO

Objetivo

Proporcionar cuidado e autocuidado em atividade de cuidado pessoal de alimentação, ampliando as relações interpessoais e o convívio social, baseados na cultura de relacionamentos com a pessoa, com o outro e o entorno, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação e reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa. Distinguir gostos. Observar as expressões, manifestações e preferências individuais. Duração de aproximadamente 30 minutos.

Instrução

Organize os objetos necessários para a atividade, como a mesa, a alimentação, guardanapo, talheres e copos, de forma que todos possam participar, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
É importante considerar os apoios de que cada um precisa.
A atenção e os olhares devem estar voltados para a pessoa, para tornar a atividade prazerosa, por meio de materiais, formas e temperaturas de alimentação diferentes para ampliar a sensação de bem-estar e conforto.
Conversar com o usuário durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo: a higiene das mãos, da alimentação e os sabores escolhidos, buscando atender ao gosto da pessoa e estimulando a sua participação.

Desenvolvimento

Realizar a atividade no tempo estimado de até 60 minutos, sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando a contribuição do mesmo e a independência na atividade. Dar atenção à pessoa em todas as etapas da atividade.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado: durante todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo.
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade.
Nos apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade.
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário.

Áreas de experiência	Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.
Sugestões de apoio físico	Considerar a avaliação multidimensional da pessoa. Cuidador formal e informal. Cadeira de alimentação e barra de apoio. Orientação verbal e material, da forma simples para a complexa.
Sugestões de apoio cognitivo	Considerar a avaliação multidimensional da pessoa. Cuidador formal e informal. Ajudar na tomada de decisão. Garantir oportunidade de participar. Garantir que não se sinta à margem da atividade. Valorizar a realização.

BANHO

Objetivo

Proporcionar cuidado e autocuidado em atividade de cuidado pessoal de banho, como o ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia, reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será realizada com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças individuais.
Refletir sobre a importância e as funções do banho, dentre outros, o cuidado pessoal e o isolamento social, visto que pessoas cuja higiene pessoal deixa a desejar tendem a ser excluídas do convívio social e demonstra o compromisso que a pessoa tem consigo mesmo. Observar as expressões e manifestações de cada pessoa. Separar os materiais necessários junto com o usuário (sabonete, shampoo, toalha, roupas, etc). Duração de aproximadamente 30 minutos.

Instrução

Organize o banheiro com os objetos necessários para a atividade, de forma que possibilite a participação da pessoa, valorizando todas as informações trazidas pelo participante no momento da preparação.

Convide os usuários a participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de estar na atividade, e aproveite da experiência com a água, ou de alguma outra forma, como o apoio ao colega, guardar algum material, etc.
Torne a atividade prazerosa para a pessoa, através de materiais, formas e temperaturas da água diferentes para ampliar a sensação de bem-estar.
Oriente o usuário durante todo o processo, detalhando o passo a passo: fechar a porta, despir-se, guardar a roupa em local apropriado, abrir o chuveiro, adequar a temperatura da água de acordo com o clima e preferência do mesmo, desligar o chuveiro para ensaboar, ensaboar todo o corpo, dosar a quantidade de shampoo, abrir o chuveiro para enxaguar, desligar o chuveiro para secar-se e vestir-se, de forma mais independente.
Não faça por ele. Estimule, oriente, supervisione e auxilie. Apenas se necessário o profissional deve assumir a responsabilidade de dar o banho.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que podem impedir/dificultar a participação da pessoa e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade no tempo estimado de até 60 minutos, sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando a contribuição do mesmo e a independência na atividade.
Dar atenção à pessoa em todas as etapas da atividade.
O profissional deve apoiar a pessoa e não fazer as atividades por ela. Para isso, é importante observar e identificar sua potencialidade. Estimulá-la a realizar sozinha, incentivando-a em cada conquista.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado: durante todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo.
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade: se os apoios ofertados foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade.
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário.

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Cadeira de banho e barra de apoio.
Orientação verbal e material, da forma simples para a complexa.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir oportunidade de participar e a não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.

ESCOVAR OS DENTES

Objetivo

Proporcionar cuidado e autocuidado em atividade de cuidado pessoal de escovar os dentes, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia e reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será realizada com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças individuais. Refletir sobre a importância e funções da escovação dos dentes, dentre outros, o cuidado pessoal e o isolamento social, visto que pessoas cuja higiene pessoal deixa a desejar tendem a ser excluídas do convívio social e demonstra o compromisso que a pessoa tem consigo mesmo. Observar as expressões e manifestações de cada pessoa. Separar os materiais necessários junto com o usuário (fio dental, escova, creme dental, toalha, etc). Duração de aproximadamente 30 minutos.

Instrução

Organize o banheiro com os objetos necessários para a atividade, de forma que possibilite a participação da pessoa, valorizando todas as informações trazidas pelo participante no momento da preparação.
Convide os usuários a participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de estar na atividade, e aproveite da experiência com a água, o creme dental ou de alguma outra forma, como o apoio ao colega, guardar algum material, etc.
Torne a atividade prazerosa para a pessoa, através de materiais e formas diferentes para ampliar a sensação de bem-estar.
Oriente o usuário durante todo o processo, detalhando o passo a passo: abrir, cortar e passar o fio dental, abrir e dosar o creme dental, abrir e fechar a torneira, escovar os dentes, enxaguar e secar a boca, guardar seus pertences e organizar o espaço, de forma independente.
Não faça por ele. Estimule, oriente, supervisione e auxilie. Apenas se necessário, o profissional deve assumir a responsabilidade de escovar os dentes.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade no tempo estimado de até 60 minutos, sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando a contribuição do mesmo e a independência na atividade.
Dar atenção à pessoa em todas as etapas da atividade.
O profissional deve apoiar a pessoa e não fazer as atividades por ela. Para isso, é importante observar e identificar

sua potencialidade. Estimulá-la a realizar sozinha, incentivando-a em cada conquista.
Deve-se elogiar o usuário em cada tarefa que ele realizar, mesmo que para isso seja necessário mais tempo

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado: durante todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo.
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade: se os apoios ofertados foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade.
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário.

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir oportunidade de participar e a não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.

USO DO VASO SANITÁRIO

Objetivo

Proporcionar cuidado e autocuidado em atividade de cuidado pessoal uso de vaso sanitário e controle das fezes e da urina, respeitando ritmos e necessidades, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia, reconhecendo conquistas e limitações.

Preparação

Conhecer previamente o usuário, suas necessidades e formas de comunicação, expressão e hábitos, para identificar o momento de ida ao banheiro.
Observar as expressões e manifestações de cada pessoa.

Instrução

Preparar e orientar o usuário durante todo o processo, possibilitando sua participação, garantindo a privacidade e posicionando o mesmo de forma confortável.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a ação, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Conduzir, acompanhar e orientar o usuário quando ele comunicar ou expressar a necessidade de ir ao banheiro, oferecendo os apoios necessários, em intervalos regulares.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado: durante todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo.
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade.
Nos apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade.
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário

Áreas de experiência	Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.	**Sugestões de apoio físico**	Considerar a avaliação multidimensional da pessoa. Cuidador formal e informal. Orientação verbal e material.
		Sugestões de apoio cognitivo	Considerar a avaliação multidimensional da pessoa. Cuidador formal e informal. Valorizar a realização.

TROCAR DE FRALDA & ABSORVENTE

Objetivo

Proporcionar cuidado e autocuidado em atividade de cuidado pessoal de troca de fraldas e de absorvente, respeitando ritmos e necessidades, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia, reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conhecer previamente o usuário, suas necessidades e formas de comunicação, expressão e hábitos, para identificar o momento de troca de fralda e de absorvente.
Conversar com o usuário sobre a atividade que será realizada, buscando entender se o usuário consegue dizer ou sinalizar seu desejo de troca de fralda e de absorvente ou se está molhado, com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças individuais. Refletir sobre a importância e funções da troca de fraldas e da troca de absorventes, do cuidado pessoal e do isolamento social, visto que pessoas cuja higiene pessoal deixa a desejar tendem a ser excluídas do convívio social e demonstra o compromisso que a pessoa tem consigo mesma. Observar as expressões e manifestações de cada pessoa. Separar os materiais necessários junto com o usuário (Fralda, absorvente, papel higiênico/toalha, etc).

Instrução

Preparar e orientar o usuário durante todo o processo, possibilitando sua participação, garantindo a privacidade e posicionando o mesmo de forma confortável.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a ação, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando a contribuição do mesmo e a independência na atividade: descolar a fralda/absorvente suja(o) e limpar toda a região, desdobrar a fralda/absorvente nova(o), virar a pessoa para os lados e, caso necessário, limpar novamente, retirar a fralda/absorvente suja(o) e colocar uma nova, restabelecer a pessoa à posição inicial, buscando a participação da mesma no processo, de acordo com suas possibilidades.
Dar atenção à pessoa em todas as etapas da atividade.
O profissional deve apoiar a pessoa e não fazer as atividades por ela, caso seja possível.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado: durante todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade;
O conforto e bem-estar da pessoa durante a execução das atividades.
Nos apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade.
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário.

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Valorizar a realização..

VESTIR

Objetivo Proporcionar cuidado e autocuidado relacionado em atividade de cuidado pessoal à de vestimenta e aparência, respeitando ritmos e necessidades, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia, reconhecendo suas conquistas e limitações

Preparação Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa. Distinguir gostos e observar as expressões, manifestações e preferências individuais. Duração de aproximadamente 30 minutos.

Instrução Organize os objetos necessários para a atividade, como o armário, peças de roupas e sapatos, de forma que todos possam participar, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação. É importante considerar os apoios de que cada um precisa. A atenção e os olhares devem estar voltados para a pessoa, a fim de tornar a atividade prazerosa, através de peças diferentes e de acordo com a faixa etária, para ampliar a sensação de bem-estar e conforto.
Conversar com o usuário durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, sobre a própria roupa, o vestir e despir, o abotoar e desabotoar, abrir e fechar zíper e fivelas, amarrar e desamarrar (dar nó e laço), frente e costas, avesso, tamanho, rasgo, manchas, etc, buscando atender ao gosto da pessoa e estimulando a sua participação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade, como: apoio do colega, dobra das peças, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento Realizar a atividade no tempo estimado de até 60 minutos, possibilitando a escolha da roupa pelo próprio usuário, sempre conversando com o mesmo, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando sua contribuição e sua independência na atividade. Dar atenção à pessoa durante todas as etapas da atividade.
O educador não deve realizar a atividade pelo usuário. Estimule, oriente, supervisione, auxilie. Apenas se necessário, o profissional deve assumir a responsabilidade de vestir o usuário.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado do usuário durante todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo;
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade;
Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade;
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário.

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.

CALÇAR

Objetivo

Proporcionar cuidado e autocuidado em atividade de cuidado pessoal de revestimento e aparência dos pés, respeitando ritmos e necessidades, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia e reconhecendo as conquistas e limitações do usuário.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida, com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa. Distinguir gostos, observar as expressões, manifestações e preferências individuais. Duração de aproximadamente 30 minutos.

Instrução

Organize os objetos necessários para a atividade, como o armário e pares de sapatos, de forma que todos possam participar, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação. É importante considerar os apoios de que cada um precisa.
A atenção e os olhares devem estar voltados para a pessoa, a fim de tornar a atividade prazerosa, através de modelos diferentes e de acordo com a faixa etária, para ampliar a sensação de bem-estar e conforto.
Conversar com o usuário durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, sobre o próprio sapato, esquerdo, direito, cadarço, zíper, e seu manuseio, tamanho, rasgo, manchas e uso de meia, etc, buscando atender ao gosto da pessoa e estimulando a sua participação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de estar na atividade: como apoio ao colega, escolha dos modelos, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade no tempo estimado de até 60 minutos, possibilitando a escolha do sapato pelo próprio usuário, sempre conversando com o mesmo, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando sua contribuição e independência na atividade. Dar atenção à pessoa em todas as etapas da atividade.
O educador não deve realizar a atividade pelo usuário. Estimule, oriente, supervisione, auxilie. Apenas se necessário, o profissional deve assumir a responsabilidade de calcá-lo.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado em durante todo o processo da atividade
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo.
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade.
Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade.
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir oportunidade de participar e de não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.

GERENCIAMENTO FINANCEIRO

Objetivo

Proporcionar e promover cuidado e autocuidado em atividade de cuidado pessoal no gerenciamento de recursos financeiros, com vistas a fazer escolhas de forma responsável, respeitando ritmos e necessidades, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia, reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa.
Refletir sobre o uso do dinheiro e as vivências proporcionadas por ele, o manuseio do dinheiro, as dificuldades experimentadas. Verificar se recebem o Beneficio de Prestação Continuada – BPC, se possuem mesada, se trabalham, de que forma planejam o gasto do recurso, etc. Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando de que forma gostariam de estar na atividade, como: sugestões de aquisições com o dinheiro, apoio ao colega, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.Esta atividade terá aproximadamente 30 minutos de duração.

Instrução

Organize as cédulas e moedas necessárias para a atividade, de forma que todos possam participar, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação. É importante considerar os apoios de que cada um precisa.
A atenção e os olhares devem estar voltados para a pessoa, a fim de tornar a atividade prazerosa, através de modelos diferentes e de acordo com a faixa etária para ampliar a sensação de bem-estar e conforto.
Conversar com o usuário durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, sobre os desejos e demandas que podem ser atendidos com dinheiro, buscando atender ao gosto da pessoa e estimulando a sua participação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: com o apoio o colega, escolha dos modelos, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que podem impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade no tempo estimado de até 60 minutos, possibilitando experiências e vivência de administrar o seu dinheiro, como planejar a compra de um objeto de desejo, realizar compras pessoais, compras para casa, fazer uma poupança, etc, sempre conversando com o mesmo, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando a contribuição do usuário e a independência na atividade. Dar atenção à pessoa em todas as etapas da atividade. O educador não deve realizar a atividade pelo usuário. Estimule, oriente, supervisione, auxilie. Apenas se necessário, o profissional deve assumir a responsabilidade de manusear o dinheiro.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado em durante todo o processo da atividade
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo.
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade.
Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade.
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e de não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.

BELEZA

Objetivo

Proporcionar e promover cuidado e autocuidado em atividade de cuidado pessoal de embelezamento, a fim de satisfazer os seus interesses e passatempos e o aumento de autoestima, estimulando sensações diferentes e prazerosas. Perceber e exprimir emoções com seu corpo, necessidades e desejos, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia no gerenciamento de vida, reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa.
Refletir sobre a importância e benefícios do embelezamento, observando suas expressões e orientando sobre a atividade de gerenciar sua vida, as emoções e bem-estar experimentados ao realizar a atividade, etc. Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: como apoio do colega, seleção de materiais, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades. A atividade deve ter aproximadamente 30 minutos de duração.

Instrução

Organize o espaço com o material necessário, providenciando apoios para os que demandarem, de forma a torná-los participativos em todas as etapas, possibilitando a aproximação e o embelezamento das pessoas e respeitando as escolhas de cada um, ampliando a sensação de bem-estar, de relações interpessoais e de convívio social.
Conversar com os(as) usuários(as) durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, de forma a torná-lo independente e estimulá-lo a participar.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de estar na atividade: selecionando os materiais, apoiando o colega, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando a contribuição do mesmo e a independência na atividade.
A atividade deve ser realizada, preferencialmente, em espaços de embelezamento da comunidade. O usuário deverá escolher o que quer fazer, como: arrumar as unhas, o cabelo, maquiagem, barba, corte, etc, definindo cores que mais lhe agradam.
O profissional deve apoiar a pessoa em todos os momentos da atividade

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado: em durante todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo;
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade;
Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade;
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e a não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.

IDENTIDADE PESSOAL & SOCIAL

Objetivo

Proporcionar e promover cuidado e autocuidado em atividade de cuidado pessoal de construção da identidade pessoal e social, como igual aos às demais, mas único na sua na sua experiência e vivência pessoal, respeitando ritmos e necessidades, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia e reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida a fim de torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa.
Refletir sobre a construção do autoconceito da pessoa, dos diversos relacionamentos sociais em diferentes esferas, bem como desempenho de papéis, a interação com grupos sociais, com a finalidade de construção da identidade, observando suas expressões e orientando sobre a atividade de gerenciar sua vida, as emoções, etc.
Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de ser chamados, como seus amigos os chamam, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades. A atividade deve ter aproximadamente 30 minutos de duração.

Instrução

Organize o espaço com material o necessário, providenciando apoios para os que demandarem, de forma a torná-los participativos em todas as etapas, possibilitando a aproximação e a construção do autoconceito, ampliando a sensação de bem-estar, de relações interpessoais e de convívio social.
Conversar com os(as) usuários(as) durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, de forma a torná-los independentes e estimular sua participação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de estar na atividade: selecionando os materiais, apoiando o colega, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades

Desenvolvimento

Realizar a atividade sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando a contribuição do mesmo e a independência na atividade.
Estimular o usuário a fazer suas escolhas e manifestar sua opinião sobre quem é ele, como ele se vê, como ele acha que o outro o vê, como vê a si próprio e como parte de um grupo, identificar documentos pessoais e de pessoas de seu convívio, compreender sua função, seu uso e significado.
O profissional deve apoiar a pessoa durante todos os momentos da atividade

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado: em todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo;
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade;
Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade;
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa;
Cuidador formal e informal;
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa;
Cuidador formal e informal;
Ajudar na tomada de decisão;
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e de não se sentir à margem da atividade;
Valorizar a realização.

SEXUALIDADE

Objetivo

Proporcionar e promover cuidado e autocuidado em atividade de cuidado pessoal de sexualidade, oportunizando reflexões sobre escolhas conscientes referentes à valorização e respeito ao próprio corpo e ao do outro, namoro, atividade sexual, métodos contraceptivos, gravidez, masturbação, doenças sexualmente transmissíveis, etc., a fim de ampliar as relações interpessoais e desenvolver atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia, reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa. Refletir sobre as diferentes maneiras de vivenciar a sexualidade, promover o diálogo e esclarecer as dúvidas, promover mudanças de comportamentos inadequados, oportunizar a superação de dificuldades nos assuntos que fazem parte da vida do jovem/adulto, desenvolver e rever atitudes, fazer juízo de valores e problematizar sobre os assuntos, tais como: conceito de beleza, aceitação do próprio corpo, o namoro, o "ficar", a gravidez na adolescência, as DSTs e AIDS, proporcionando, assim, uma construção coletiva para os possíveis encaminhamentos e soluções, observando suas expressões na busca de gerenciar a vida, as emoções, etc. Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades. Esta atividade deve ter aproximadamente 30 minutos de duração.

Instrução

Organize o espaço em formato de circulo, providenciando apoios para os que demandarem, de forma a torná-los participativos nas reflexões, ampliando a sensação de bem-estar, de relações interpessoais e de convívio social.
Conversar com os(as) usuários(as) durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, de forma a torná-los independentes e estimular sua participação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade sempre conversando com o usuário e refletindo sobre as temáticas com vistas a melhorar a autoestima, a valorização pessoal e contribuir para a valorização da vida e do autoconhecimento, estabelecendo relações através do respeito mútuo e posturas que envolvam a valorização da afetividade humana. Buscar a contribuição do participante e a independência na atividade, promovendo a valorização da realidade e a vivência de cada um.

O profissional deve apoiar a pessoa em todos os momentos da atividade

Avaliação

O relacionamento interpessoal, consigo, com o outro e com o entorno;

O aprendizado em todo o processo da atividade;

A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);

As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo;

A reação a mudanças;

A reação ao ser repreendido;

A reação ao receber críticas e elogios;

A independência na atividade;

Os apoios ofertados se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade;

Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e de não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.

EIXO 2 Atividades **Produtivas**

As atividades produtivas são voltadas às obrigações requeridas para os papeis individuais. Podem incluir obrigações domésticas e de administração do lar, obrigações acadêmicas de estudante, obrigações do trabalho, gerenciamento financeiro e de manutenção da saúde, mobilidade na comunidade, e obrigações de cuidados com terceiros – tal como o cuidado com os filhos, amigos e outras pessoas e que, frequentemente, exigem maiores interações.

LIMPEZA DE ROUPAS

Objetivo

Proporcionar, desenvolver e promover cuidado e autocuidado em atividade produtiva de limpeza das roupas, como obrigações requeridas para papeis individuais, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia no gerenciamento de vida, reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa. Refletir sobre a limpeza das roupas, de ter atividades produtivas, de gerenciar a própria vida, as dificuldades experimentadas ao realizar a atividade, quem as faz na sua casa, etc. Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: recolher as roupas do cesto, do varal ou do armário, buscar o sabão, apoio ao colega, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades. Esta atividade deverá ter aproximadamente 30 minutos de duração.

Instrução

Organize os objetos necessários para a atividade na lavanderia, como as roupas e o sabão, de forma que todos possam participar, valorizando as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação. É importante considerar os apoios de que cada um precisa. A atenção e os olhares devem estar voltados para a pessoa. Divida as tarefas junto com o grupo, buscando tornar a atividade prazerosa, ampliando as sensações de bem-estar, de relações interpessoais e de convívio social. Conversar com o usuário durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, selecionar as roupas, separar a roupa suja por cores, ligar a máquina ou abrir a torneira, colocar sabão ou ensaboar, dosar corretamente os produtos de limpeza (sabão, alvejante, amaciante), esfregar as roupas com a mão ou escova, enxaguar, torcer, pendurar no varal, usar pregadores e cestos, passar as roupas, dobrar as roupas passadas e guarda-las corretamente, organizar a lavanderia após a atividade, de forma independente e estimulando a sua participação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: apoio ao colega, recolhimento das roupas etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando sua contribuição e independência na atividade.
Divida o grupo em subgrupos e, junto com os participantes, defina as tarefas de cada pessoa no grupo/subgrupo.
O profissional deve apoiar a pessoa e não fazer as atividades por ela. Para isso, é importante observá-la, tentando identificar sua potencialidade e estimulá-la a ir fazendo sozinha as tarefas. Deve-se elogiar o usuário a cada tarefa que ele realizar, mesmo que para isso seja necessário mais tempo, buscando sua participação no processo, de acordo com suas possibilidades.
Dar atenção à pessoa em todas as etapas da atividade.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado: durante todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo.
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade.
Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade.
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.

PREPARO DE REFEIÇÕES

Objetivo

Proporcionar, desenvolver e promover cuidado e auto-cuidado em atividade produtiva de preparo de refeições, como obrigações requeridas para papeis individuais, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia no gerenciamento de vida e reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa. Refletir sobre a preparação da refeição, de fazer atividades produtivas, de gerenciar sua própria vida, as dificuldades experimentadas ao realizar a atividade, quem as faz na sua casa, etc. Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: escolher e selecionar os alimentos, lavar, cortar, dar apoio ao colega, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades. Esta atividade deverá ter aproximadamente 30 minutos de duração

Instrução

Organize os objetos necessários para a atividade, como a cozinha e o vasilhame, de forma que todos possam participar, valorizando as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação. É importante considerar os apoios de que cada um precisa.
A atenção e os olhares devem estar voltados para todas as pessoas. Divida as tarefas junto com o grupo, buscando tornar a atividade prazerosa, ampliando a sensação de bem-estar, de relações interpessoais e de convívio social.
Conversar com o usuário durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, selecionar os alimentos, os vasilhames, talheres, texturas, cores, cheiros, etc, apoiar o colega, guardar algum material, e organizar a cozinha após a atividade, de forma independente e estimulando sua participação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: com o apoio do colega, selecionando os alimentos, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando a contribuição do mesmo e a independência na atividade.
Realizar as compras necessárias para a atividade, possibilitando que o usuário participe do processo, desde a escolha do produto até o pagamento.
Divida o grupo em subgrupos e, junto com os participantes, defina as tarefas de cada pessoa do grupo/subgrupo, orientando-as sobre o fazer de cada uma.
O profissional deve apoiar a pessoa e não fazer as atividades por ela. Para isso, é importante observá-la, tentando identificar sua potencialidade e estimulá-la a ir fazendo sozinha as tarefas. Deve elogiar o usuário a cada tarefa que realizar, mesmo que para isso seja necessário mais tempo, buscando sua participação no processo de acordo com suas possibilidades.
Dar atenção à pessoa em todas as etapas da atividade.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo;
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade;
Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade;
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário.

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.

LIMPEZA DE AMBIENTES

Objetivo

Proporcionar, desenvolver e promover cuidado e autocuidado em atividade produtiva de limpeza de ambientes, como obrigações requeridas para papeis individuais, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia no gerenciamento de vida, e reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida, com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa. Refletir sobre a importância da limpeza dos ambientes, de fazer atividades produtivas, de gerenciar sua vida, as dificuldades experimentadas ao realizar a atividade, quem as faz na sua casa, etc. Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: escolher e selecionar o ambiente a ser limpo, os vasilhames e materiais, apoio ao colega, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades. Esta atividade deverá ter aproximadamente 30 minutos de duração.

Instrução

Organize os locais e os objetos e materiais necessários para a atividade, identifique o(s) espaço(s) que será(ão) limpo(s), quarto, banheiro, sala, cozinha, transportar todo o material de limpeza; pegar objetos do chão; limpar as coisas derramadas. Dobrar e guardar a roupa de cama, organizar roupas e sapatos nos locais indicado, usar a vassoura para varrer; usar a pá de lixo; arrumar a cama; tirar o pó dos móveis; usar pano com água / torcer; limpar mesas, cadeiras e erguê-las; passar pano no chão com rodinho; lavar panos no tanque usando água e sabão; lavar banheiro; limpar os vidros; descongelar e limpar geladeira; lavar calçadas, etc, de forma que todos possam participar, valorizando as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação. É importante considerar os apoios de que cada um precisa.
A atenção e os olhares devem estar voltados para todas as pessoas. Divida as tarefas junto com o grupo, buscando tornar a atividade prazerosa, ampliando a sensação de bem-estar, de relações interpessoais e de convívio social.
Conversar com os usuários durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, de forma a torná-lo independente e estimular a sua participação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: apoio ao colega, selecionando os objetos, etc.

Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando sua contribuição e independência na atividade.
Divida o grupo em subgrupos e, junto com os participantes, defina as tarefas de cada pessoa do grupo/subgrupo, orientando sobre o fazer de cada uma.
O profissional deve apoiar a pessoa e não fazer as atividades por ela. Para isso, é importante observá-la, tentando, identificar sua potencialidade e estimulá-la a ir fazendo sozinho as tarefas. Deve elogiar os usuários em cada fazer, mesmo que para isso seja necessário mais tempo, buscando sua participação no processo, de acordo com suas possibilidades.
Dar atenção a cada pessoa do grupo em todas as etapas.
A atividade deverá ter aproximadamente 60 minutos de duração.

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado: durante todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo;
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade;
Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade;
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal;
Ajudar na tomada de decisão;
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e não se sentir à margem da atividade;
Valorizar a realização.

HORTA/JARDINAGEM

Objetivo

Proporcionar, desenvolver e promover cuidado e autocuidado em atividade produtiva de horta e/ou jardinagem, como obrigações requeridas para papeis individuais, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia no gerenciamento de vida e reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa.
Refletir sobre a importância e benefícios de cuidar da horta e/ou do jardim, de fazer atividades produtivas, de gerenciar sua vida, as dificuldades experimentadas ao realizar a atividade, quem as faz na sua casa, etc. Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: trabalhar a terra, cortar os matos, adubar, plantar, aguar, apoiar o colega, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades. Esta atividade deverá ter aproximadamente 30 minutos de duração.

Instrução

Identifique o espaço apropriado para o plantio/manutenção da horta/jardim, o material necessário – terra, mudas ou sementes, regador, pá de jardim, cascas de frutas e legumes, imagens do que será plantado, plástico transparente, fita adesiva e palitos de churrasco, garrafa pet, cordinha de varal. Convide a todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade. Aproveite da experiência com a terra, a água, os cheiros, texturas, gostos, etc. A atenção e os olhares devem estar voltados para todas as pessoas. Divida as tarefas junto com o grupo, buscando tornar a atividade prazerosa, ampliando a sensação de bem-estar, de relações interpessoais e de convívio social.
Conversar com os usuários durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, a variedade de plantas e preparação adequada do solo, o preparo da terra, retirada de ervas daninhas, adubação, plantio e manutenção, etc, de forma a torná-lo independente e estimular a sua participação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar:, com o apoio do colega, selecionando os objetos, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando a sua contribuição e independência na atividade.
Divida o grupo em subgrupos e, junto com eles, defina as tarefas de cada pessoa do grupo/subgrupo, orientando-os sobre o fazer de cada uma.
O profissional deve apoiar a pessoa e não fazer as atividades por ela. Para isso, é importante observá-la, tentando, identificar sua potencialidade e estimulá-la a ir fazendo sozinha as tarefas. Deve elogiar os usuários a cada fazer, mesmo que para isso seja necessário mais tempo, buscando a participação do mesmo no processo, de acordo com suas possibilidades.
Organizar o ambiente após o término da atividade de forma independente.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.
Dar atenção a cada pessoa do grupo em todas as etapas da atividade, que deverá ter aproximadamente 60 minutos de duração.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo.
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade.
Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade.
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário.

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.

CUIDANDO DE PETS

Objetivo

Proporcionar, desenvolver e promover cuidado e autocuidado em atividade produtiva de cuidados com animais de estimação, como obrigações requeridas para papeis individuais, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia no gerenciamento de vida, reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida, com vistas a torná-lo receptivo e participativo e atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa.
Refletir sobre a importância e benefícios de cuidar dos animais de estimação, de fazer atividades produtivas, de gerenciar sua vida, as dificuldades experimentadas ao realizar a atividade, quem as faz na sua casa, etc. Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: selecionar os materiais necessários, como sabão, água, pente, shampoo, toalha, apoio ao colega, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades. A atividade deverá ter aproximadamente 30 minutos de duração.

Instrução

Identifique o espaço apropriado para o cuidado com o pet, o material necessário e convide a todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade, e aproveite da experiência com o toque, a água, o cheiro, etc.
A atenção e os olhares devem estar voltados para todas as pessoas, buscando tornar a atividade prazerosa, ampliando a sensação de bem-estar, de relações interpessoais e de convívio social.
Conversar com os usuários durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, a alimentação, a casinha, a higiene, brincadeiras, socialização, passeios, cólera, identificação, cuidados veterinários, castração, plantas, etc, de forma a torná-lo independente e estimular a sua participação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: com o apoio do colega, selecionando os objetos, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando sua contribuição e independência na atividade.

Divida o grupo em subgrupos e, junto com os participantes, defina as tarefas de cada pessoa do grupo/subgrupo, orientando-as sobre o fazer de cada uma.

O profissional deve apoiar a pessoa e não fazer as atividades por ela. Para isso, é importante observá-la, tentando, identificar sua potencialidade e estimulá-la a ir fazendo sozinha as tarefas. Deve elogiar o participante em cada fazer, mesmo que para isso seja necessário mais tempo, buscando a participação do mesmo no processo, de acordo com suas possibilidades.

Organizar o ambiente após o término da atividade de forma independente.

Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Dar atenção a cada pessoa do grupo em todas as etapas da atividade, que deverá ter aproximadamente 60 minutos de duração.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;

O aprendizado: durante todo o processo da atividade;

A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);

As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo.

A reação a mudanças;

A reação ao ser repreendido;

A reação ao receber críticas e elogios;

A independência na atividade.

Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade.

Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário.

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e a não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.

FAZER COMPRAS

Objetivo

Proporcionar, desenvolver e promover cuidado e autocuidado em atividade produtiva de fazer compras em supermercados e lojas, como obrigações requeridas para papeis individuais, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia no gerenciamento de vida e reconhecendo as conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida, com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa. Refletir sobre a importância e benefícios de fazer compras, de fazer atividades produtivas, de gerenciar sua vida, sobre as dificuldades experimentadas ao realizar as atividades, quem as faz na sua casa, etc. Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: fazer a lista de compras, escolher o que vai comprar, apoiar o colega, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades. Esta atividade deve ter aproximadamente 30 minutos de duração.

Instrução

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida, com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa. Refletir sobre a logística de realizar a compra, considerando o dinheiro disponível, o deslocamento, o endereço do local onde serão feitas as compras. A seleção e escolha dos produtos, a validade, a cor, o cheiro, a textura.
Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que podem impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades. Esta atividade deverá ter aproximadamente 30 minutos de duração.

Desenvolvimento

Realizar a atividade no tempo estimado de até 60 minutos, possibilitando experiências e vivências a realizar as compras, sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando a contribuição do mesmo e a independência na atividade. Dar atenção à pessoa em todas as etapas da atividade. O educador não deve realizar a atividade por ele. Estimule, oriente, supervisione, auxilie.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado: durante todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo.
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;

A independência na atividade.
Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade.
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário.

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.

EIXO 3 Atividades de **Ócio & Tempo Livre**

As atividades de ócio e tempo livre são as atividades em que o individuo participa com o fim de socializar e relaxar para satisfazer os seus interesses e passatempos.

RELAXAMENTO

Objetivo

Proporcionar e promover cuidado e autocuidado em atividade de ócio e tempo livre, de relaxamento, a fim de satisfazer os seus interesses e passatempos, estimulando sensações diferentes e posicionamentos. Levar o usuário a perceber, movimentar e exprimir emoções com seu corpo, necessidades e desejos, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia no gerenciamento de vida, e reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida, com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa.
Refletir sobre a importância e benefícios do relaxamento, observando suas expressões e orientando sobre a atividade, de gerenciar sua vida, as emoções e bem-estar experimentadas ao realizar a atividade, etc. Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade, com o apoio do colega, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades. Esta atividade deverá ter aproximadamente 30 minutos de duração.

Instrução

Organize o espaço com o material necessário, providenciando apoios para os usuários que demandarem, de forma a torná-los participativos em todas as etapas, permitindo a formação de duplas, possibilitando a aproximação das pessoas de forma a realizar o contato, buscando tornar a atividade prazerosa e ampliando a sensação de bem-estar, de relações interpessoais e de convívio social.
Conversar com os usuários durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, de forma a torná-lo independente e estimular a sua participação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: com o apoio do colega, selecionando os objetos, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando sua contribuição e independência na atividade.
Posicionar/orientar o usuário de forma que fique confortável, realizando contatos corporais de acordo com a aceitação do mesmo, sempre conversando com ele.
Divida o grupo em duplas, orientando sobre o fazer da atividade para cada uma.
O profissional deve apoiar a pessoa em todos os momentos da atividade. Para isso, é importante observá-la, tentando identificar sua potencialidade e estimulá-la a realizar. Deve-se elogiar o usuário em cada fazer, mesmo que para isso seja necessário mais tempo, buscando sua participação no processo, de acordo com suas possibilidades.
Dar atenção a cada pessoa das duplas e no coletivo em todas as etapas da atividade, que terá aproximadamente 60 minutos de duração.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado: durante todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo.
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade.
Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade.
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário.

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.

PASSEIO NA COMUNIDADE

Objetivo

Proporcionar e promover cuidado e autocuidado em atividades de ócio e tempo livre de passeios na comunidade, a fim de satisfazer os seus interesses e passatempos, aumentar a autoestima, estimulando sensações diferentes e prazerosas, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia no gerenciamento de vida e reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida, com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa.
Refletir sobre a importância e benefícios do passeio na comunidade, observando suas expressões e orientando sobre as etapas da atividade – escolha do local, o que fazer no local, a necessidade de uso do dinheiro, o gerenciamento de sua vida, as emoções e o bem-estar experimentados ao realizar a atividade, etc. Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Pense na logística do passeio. Elabore com os(as) usuários(as) um breve projeto com planejamento do que seria necessário levar (como dinheiro), quais aquisições seriam feitas e os cuidados que precisariam ser tomados com o deslocamento, etc. Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: sugerir o local para passeio, pesquisar sobre o local, com o apoio do colega, etc. Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades. Esta atividade deverá ter aproximadamente 30 minutos de duração.

Instrução

Selecione o local da comunidade, conforme escolha e decisão dos usuários, providenciando apoios para os que demandarem, de forma a torná-los participativos em todas as etapas, possibilitando o deslocamento de todos da forma mais usual e comum, seja a pé, de coletivo, de taxi ou de uber. Deve-se atentar para a aproximação das pessoas e respeitar as escolhas de cada um, ampliando a sensação de bem-estar, de relações interpessoais e de convívio social.
Conversar com os usuários durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, de forma a torná-lo independente e estimular a sua participação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: com o apoio o colega, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando informar e orientar sobre cada local e percurso, buscando a contribuição do mesmo e a independência na atividade.
Ir até o local escolhido preferencialmente de transporte coletivo ou caminhando. Incentivar para que cada usuário faça suas escolhas e pedidos e, se necessário, orientar quanto ao valor monetário. O profissional deve apoiar a pessoa em todos os momentos da atividade, observando o limite do apoio na busca da independência.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado: durante todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo;
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade;
Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade;
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário.

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.

USO DE REDES SOCIAIS

Objetivo

Proporcionar e promover cuidado e autocuidado em atividades de ócio e tempo livre, de uso de redes sociais, a fim de satisfazer os seus interesses e passatempos, aumentar a autoestima e estimular sensações diferentes e prazerosas, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia no gerenciamento de vida e reconhecendo suas conquistas e limitações.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida, com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa.
Refletir sobre a importância e benefícios do uso de redes sociais, observando suas expressões e orientando sobre a atividade com conteúdos apropriados à faixa etária do usuário, de gerenciar sua vida, as emoções e bem-estar experimentadas ao realizar a atividade, etc. Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Pense na logística da atividade com relação ao uso de celulares, tablet e ipad, estimulando a criação e participação de redes sociais, como whatsapp, faceboock, instagram etc. Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: sugerir o conteúdo, a rede social, com o apoio do colega, etc. Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades. Esta atividade deve ter aproximadamente 30 minutos de duração.

Instrução

Incentive o usuário a identificar a rede social indicada, bem como os conteúdos prediletos, conforme sua escolha e decisão, providenciando apoios para os que demandarem, de forma a torná-lo participativo em todas as etapas, ampliando a sensação de bem-estar e as relações interpessoais e de convívio social.
Conversar com os usuários durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, de forma a torná-lo independente e estimular sua participação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: com o apoio o colega, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando informar e orientar sobre o acesso às redes sociais, como ligar o dispositivo, manusear, recarregar, cuidado com os aparelhos, pesquisa de conteúdo, criação de redes sociais, buscando sua contribuição e a independência na atividade.

O profissional deve apoiar a pessoa em todos os momentos da atividade, observando o limite do apoio, na busca pela independência.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;

O aprendizado: durante todo o processo da atividade;

A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);

As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo;

A reação a mudanças;

A reação ao ser repreendido;

A reação ao receber críticas e elogios;

A independência na atividade;

Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade;

Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário.

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal;
Ajudar na tomada de decisão.;
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e não se sentir à margem da atividade;
Valorizar a realização.

ARTESANATO

Objetivo

Proporcionar e promover cuidado e autocuidado em atividade de ócio e tempo livre, de artesanato, a fim de satisfazer os seus interesses e passatempos, estimulando sensações prazerosas, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida, com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa.
Refletir sobre as peças que serão feitas, como bijuterias, bordados, cerâmica, vidro, gesso, mosaico, pinturas, velas, além de várias técnicas distintas utilizadas para a fabricação das peças, observando suas expressões e orientando sobre a atividade de preferência, etc. Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades. Esta atividade deverá ter aproximadamente 30 minutos de duração.

Instrução

Incentive os usuários a identificarem o artesanato que mais apreciam. Conforme escolha e decisão dos mesmos, providencie apoios para os que demandarem, de forma a torná-los participativos em todas as etapas, ampliando a sensação de bem-estar, e as relações interpessoais e de convívio social.
Conversar com os usuários durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, de forma a torná-lo independente e estimular a sua participação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: com o apoio o colega, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando informar e orientar sobre o fazer e a manipulação das peças, buscando a contribuição do mesmo e a independência na atividade.
O profissional deve apoiar a pessoa em todos os momentos da atividade, observando o limite do apoio na busca da independência.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado: durante todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo;
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade;
Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade;
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário.

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.

JOGOS ELETRÔNICOS

Objetivo

Proporcionar e promover cuidado e autocuidado em atividade de ócio e tempo livre, de jogos eletrônicos, a fim de satisfazer os seus interesses e passatempos, estimulando sensações prazerosas, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida, com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa.
Refletir sobre os tipos e categorias de jogos, com ou sem músicas, observando suas expressões e orientando sobre a atividade de preferência, etc. Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa, e proponha apoios para atender às suas necessidades. Esta atividade deverá ter aproximadamente 30 minutos de duração.

Instrução

Incentive o usuário a identificar o jogo eletrônico que mais aprecia e, conforme escolha e decisão do mesmo, providencie apoios para os que demandarem, de forma a torná-los participativos em todas as etapas, ampliando a sensação de bem-estar e as relações interpessoais e de convívio social.
Conversar com o usuário durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, de forma a torná-lo independente e estimular a sua participação.
Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: com o apoio o colega, etc.
Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade sempre conversando com o usuário, explicando sobre cada etapa desenvolvida, buscando informar e orientar sobre o jogo, como ligar e manusear o dispositivo, o cuidado com os aparelhos, solicitando a contribuição do mesmo e a independência na atividade, que deverá ter duração de até 60 minutos.
O profissional deve apoiar a pessoa em todos os momentos da atividade, observando o limite do apoio na busca pela independência.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado: durante todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo.
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade.
Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade.
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização..

CULTURA & LAZER

Objetivo

Proporcionar e promover cuidado e autocuidado em atividade de ócio e tempo livre, de atividades culturais e de lazer, a fim de satisfazer os seus interesses e passatempos, estimulando sensações prazerosas, ampliando as relações interpessoais, desenvolvendo atitudes de participação e cooperação, buscando independência e autonomia.

Preparação

Conversar com o usuário sobre a atividade que será desenvolvida, com vistas a torná-lo receptivo e participativo, atendendo às necessidades e diferenças de cada pessoa, observando suas expressões e orientando sobre a atividade, de preferência: cinema, teatro, show, museu, galeria de arte, etc. Possibilitar a participação de todos, valorizando todas as informações trazidas pelos participantes no momento da preparação.

Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Esta atividade deverá ter aproximadamente 30 minutos de duração.

Instrução

Incentive o usuário a identificar a atividade que mais aprecia e, conforme escolha e decisão do mesmo, providencie apoios para os que demandarem, de forma a torná-los participativos em todas as etapas, ampliando a sensação de bem-estar e as relações interpessoais e de convívio social.

Conversar com os usuários durante todo o processo, detalhando o que está ocorrendo, de forma a torná-los independentes e estimular sua participação.

Convide todos para participar, mas respeite aqueles que não quiserem, perguntando como gostariam de participar da atividade: com o apoio do colega, etc.

Identifique barreiras físicas, comunicacionais ou relacionais que possam impedir/dificultar a participação da pessoa e proponha apoios para atender às suas necessidades.

Desenvolvimento

Realizar a atividade sempre conversando com o usuário, buscando informar e orientar sobre o que envolve o lazer e/ou a cultura que desperta seu interesse, buscando a contribuição do mesmo e a independência na atividade, que deverá ter duração de até 60 minutos.

O profissional deve apoiar a pessoa em todos os momentos da atividade, observando o limite do apoio na busca pela independência.

Avaliação

O relacionamento interpessoal: consigo, com o outro e com o entorno;
O aprendizado: durante todo o processo da atividade;
A comunicabilidade: expressão, organização e expressão de ideias (ativa ou passiva);
As atitudes de cortesia: pede ajuda, se preocupa em contar o que os outros estão fazendo.
A reação a mudanças;
A reação ao ser repreendido;
A reação ao receber críticas e elogios;
A independência na atividade.
Os apoios ofertados: se foram suficientes e eficazes para o desenvolvimento da atividade.
Registrar as informações no PDU – Plano de Desenvolvimento do Usuário

Áreas de experiência

Cuidado e autocuidado com a pessoa, com o outro e com o entorno.

Sugestões de apoio físico

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Orientação verbal e material.

Sugestões de apoio cognitivo

Considerar a avaliação multidimensional da pessoa.
Cuidador formal e informal.
Ajudar na tomada de decisão.
Garantir ao usuário a oportunidade de participar e não se sentir à margem da atividade.
Valorizar a realização.